

TRIBOS DA ORLA

Paula Aragão¹

Aliomar de Carvalho Santos²

André Marsiglia Quaranta³

Luciana Caroline P. Garcia⁴

Sérgio Dorenski D. Ribeiro⁵

Resumo

Esta pesquisa integra o Projeto Orla, dos espaços públicos de lazer da Orla de Atalaia, Aracaju/SE, construído no grupo Observatório da Mídia Esportiva da Universidade Federal de Sergipe. A Nova Orla de Atalaia reúne um número diversificado de espaços destinados às práticas corporais de esporte e lazer, fato que atrai pessoas de diferentes gostos e estilos que formam grupos sociais aos quais denominamos tribos. Considerando a acessibilidade, localização e estrutura do espaço, buscou-se identificar quais os seus interesses dos grupos em relação aos espaços públicos de lazer da Orla de Atalaia. Na pesquisa de caráter Qualitativo/descritivo foram utilizados como instrumentos de coleta de dados a Entrevista Semi-estruturada e o Diário de Campo, bem como alguns recursos tecnológicos como: câmara fotográfica e a filmadora. As observações e análises nortearam a pesquisa a três temáticas de discussão: a questão pública e privada do acesso aos espaços; a versão mercadológica fetichizada do esporte e do lazer; e as práticas não convencionais. Alguns resultados demonstram a acessibilidade e a qualidade das estruturas como fatores primordiais de interesse às tribos e que o lazer pode ser meio de produção cultural e de formação de grupos, bem como uma mercadoria, um fetiche do espetáculo consumismo.

Palavras-chave: Tribos; Espaços Públicos; Lazer

¹ Pós-graduanda em Did. e Met. do E. Sup. pela Fac. São Luis de França/aragao_paula@hotmail.com

² Graduando em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe/mazilock@hotmail.com.

³ Mestrando em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina/andrequaranta@yahoo.com.br.

⁴ Graduanda em Educação Física pela Universidade Tiradentes/Carol_pina_3@hotmail.com.

⁵ Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina/dorenski@ig.com.br.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa integra o Projeto Orla⁶, voltado aos estudos dos espaços públicos de lazer da Orla de Atalaia, Aracaju/SE, construído no grupo Observatório da Mídia Esportiva da Universidade Federal de Sergipe⁷. A Nova Orla de Atalaia⁸ reúne um número diversificado de espaços destinados às práticas corporais de esporte e lazer, a exemplo da caminhada, da patinação, basquetebol, tênis, *skate*, hóquei, entre outras, constituindo-se assim, em um ponto de encontro do que se pode chamar de diversidade de grupos sociais, aqui denominados tribos⁹.

Observando cada espaço de lazer ocupado na orla: quadras, pistas, parques, praças, entre outros, percebe-se a existência de características peculiares aos grupos frequentadores desses espaços tanto no tocante às vestes, acessórios e linguagem, quanto aos estilos, uso de gírias, expressões e comportamentos; e assim, considerá-los tribo, ou tribos da orla.

Considerando a acessibilidade, localização e estrutura do espaço, o tempo de permanência, os horários e os dias de maior aglomeração é possível delinear alguns aspectos culturais, econômicos e sociais (englobando normas, valores e *status*) que caracterizam estes grupos. Diante disso, buscamos identificar quais os seus interesses em relação aos espaços públicos de lazer da Orla de Atalaia.

Mediante uma observação preliminar¹⁰ verifica-se que cada espaço possui suas próprias características (frases, nomes, desenhos). Elas esboçam uma linguagem, uma expressão. Constatação que nos instiga a entender o sentido dessa linguagem transmitida pelos atores/autores e como ela está relacionada à organização e convivência do grupo. Outro interesse provém do fato de as pessoas se deslocarem dos seus bairros em busca do espaço orla. O que as move nesta direção? E quanto à possível existência de outros espaços de lazer em seus bairros

⁶ O Projeto foi elaborado pensando em três eixos centrais: 1. Os Espaços Públicos de Lazer; 2. As Competições Esportivas que Ocorrem na Orla; 3. As "tribos" que freqüentam a Orla.

⁷ O Grupo de Estudo congrega os pilares da Universidade no tocante ao ensino, pesquisa e extensão. Desenvolve estudos no campo da Educação Física, Esporte e Mídia e principalmente, a relação mídia-educação.

⁸ O espaço público Orla de Atalaia foi construído em duas etapas: 1ª etapa, Projeto Capital entregue em agosto de 1994; 2ª etapa Nova Orla de Atalaia – 2º trecho, entregue em março de 2005 (<http://www.orladeatalaia.com.br/nossaorla.htm>). Eventualmente, no decorrer do trabalho o nome orla fará referência a este espaço público.

⁹ Para a pesquisa seguiremos a idéia de que tribos é uma denominação utilizada para os grupos que frequentam a Orla de Atalaia e por ocuparem espaços distintos e em horários diversificados.

¹⁰ O Diário de Campo; as entrevistas; e as observações com recursos audiovisuais foram nossos aliados na captura das informações.

de origem, como pode ser justificado este deslocamento? E por que será que justamente a orla é eleita o ponto de encontro de vários grupos?

Este estudo vem proporcionar uma aproximação a novos contextos, fomentando novas perspectivas em relação às chamadas tribos. É, portanto, função da pesquisa trazer à tona aspectos que auxiliem no desvelamento da relação entre os grupos e os espaços estudados, enquanto uma integração de recíproca mudança, pois cada grupo parece moldar o seu espaço de acordo com seus gostos, opiniões e *status* social, assim como as mesmas sofrem a influência do meio.

Tribo: marca cultural e meio de socialização

As mudanças sociais exprimem exigências para a realidade atual, novas adaptações em termos sócio-culturais. Crianças, jovens e adultos possuem modos específicos de se ajustarem ao meio e uma delas é mediada pelos grupos sociais dos quais participam, isso pode moldar o convívio e os modos de socialização.

A existência de grupos sociais que possuem as características de tribo, é a marca de que há uma diferenciação e formas de socialização. Para Costa (2006), cada grupo social dispõe de aspectos pessoais que se identificam por meio dos usos e costumes, dentre eles o destaque é do modo de vestir-se apresentado, e esclarece que as roupas desempenham um papel fundamental no que diz respeito a identificação e reconhecimento no grupo

Esta linguagem se faz presente em várias circunstâncias, como na rua, no trabalho, na escola, na festa, as pessoas comunicam sua idade, seu sexo, seu nível social, sua personalidade, origem, gostos, enfim, uma série de informações que podem ser identificadas pela moda/indumentária (COSTA, 2006, s/p).

Percebe-se, portanto, que cada circunstância acima definida é reproduzida no modo de vestir dos indivíduos. Ele transfere um sentido de divisão de grupos, seja por sexo, etnia, nível social, prática esportiva e outros. A indumentária poderá configurar também, desafios de formas de poder; uma forma de estabelecimento de dominação/ocupação; além de modelos culturais.

O crescente surgimento de diferentes grupos sociais e, principalmente, aqueles nomeados tribos reflete na necessidade que as pessoas têm de não estarem sós, isto é, uma necessidade de criar vínculos a partir dos próprios modos de ser e viver. Segundo Hack(2005), os agrupamentos sociais constituem formas de socialização nas quais, principalmente a juventude encontra espaço e vai formando

sua identidade a partir das situações vivenciadas, considerando suas experiências, percepções e atuações no grupo.

As representações simbólicas¹¹ e situações sociais provocam importante influência na sociedade hodierna refletindo nas ações, costumes e comportamentos das tribos. Hack (2005), em seus estudos acerca das culturas juvenis aponta a criação de novos modos de vida como uma necessidade das novas gerações, as quais não podem ser entendidas puramente pelos conceitos geracionais e classistas¹², mas como organizações capazes de engendrar seus próprios anseios no cotidiano, consolidar sua representatividade social no tempo e no espaço presentes, ações que podem ser ou não contrárias às normas vigentes.

As inferências da sociedade não estão restritas à juventude, elas englobam de certa forma indivíduos de todas as idades, sexo e etnias. Por isso, as tribos ou agrupamentos sociais observados podem criar e recriar seu próprio contexto, desenvolver suas potencialidades e subverter as normas impostas pelo sistema no tocante aos modos de vida, gostos, usos e costumes, enfim, ao seu universo cultural, circunstâncias que acarretem no “avanço individual ou coletivo do processo de desenvolvimento do homem” (PIRES, 2002 p. 130).

Compreensão Acerca do Lazer

As pessoas encontram-se normalmente em busca de preencher os horários de não trabalho, destinando-os a algum tipo de diversão ou distração, o que hoje denominamos de lazer. É certo que os homens desde a Grécia Antiga consideravam suma importância aos cidadãos (homens livres) uma vida de contemplação da natureza, de reflexão, enfim, a necessidade do ócio (DUMAZEDIER, 1974). No entanto, Dumazedier (1974) considera que os termos lazer e ócio não são sinônimos. Entende-se que sempre existiu o tempo do não trabalho, no entanto, ociosidade denota o estilo de vida dos fidalgos gregos, paga pelo trabalho dos escravos, enquanto lazer exprime características específicas da civilização moderna ou pós-industrial.

¹¹ O que de modo imperceptível age sobre os indivíduos, os quais consciente ou inconscientemente se fazem cúmplices de sua existência e de seu poder provenientes de estruturas sociais que transmitem ideais de uma cultura dominante (BOURDIEU, 1998).

¹² Para a autora o conceito geracional de juventude provém de definições funcionalistas do processo de socialização o qual deve ocorrer continuamente através da conservação ou sedimentação das relações entre as gerações. Já a conceituação classista é determinada através da representação social do jovem (sexo, etnia e principalmente classe social).

A ociosidade dos nobres estava sempre ligada aos mais altos valores da civilização, mesmo quando na realidade ela era marcada pela mediocridade ou pela baixeza. Entretanto, o conceito de lazer não convém para designar as atividades destas castas ociosas. O lazer não é ociosidade, não suprime o trabalho; o pressupõe. Corresponde a uma liberação periódica do trabalho no fim do dia, da semana, do ano ou da vida de trabalho (DUMAZEDIER, 1974, p. 28).

O tempo livre que as tribos observadas preenchem com jogos de recreação, passeios, atividades físicas e de relaxamento, teria sob o prisma sociológico, duas vertentes. Por um lado uma oportunidade do desenvolvimento humano e progresso da cultura intelectual e por outro considerar o lazer mais uma criação forçada da sociedade capitalista, marcado pelas características da cultura consumista de massa (DUMAZEDIER, 1974).

Desse modo, as práticas de lazer na Orla de Atalaia podem representar um meio de produção cultural, de livre expressão das pessoas que vão à busca de aproximar-se de si mesmas, nos espaços nos quais se encontram com seus afins; a formação dos grupos sociais; e um último aspecto, representado pela movimentação de capital nos espaços onde necessariamente é exigido investimento em troca da utilização, característica responsável pelo aspecto que torna o lazer uma mercadoria não material, além do seu caráter estimulante e prazeroso.

METODOLOGIA

Esta pesquisa tem caráter Qualitativo/Descritivo, pois além de proporcionar o conhecimento sobre o objeto de estudo oferece também a possibilidade de correlacionar o fenômeno e as possíveis variáveis (MINAYO, 2007; TRIVIÑOS, 2006). Para melhor interpretação e análise das relações entre as tribos e os espaços de lazer da orla, foi construído um vídeo-texto, pois se trata de formas de vida, de linguagens e diferenças sócio-culturais. De acordo com Ribeiro et al (2003), essa construção possibilita o rememorar dos fatos como aproximação das “pessoas vivas”, com as imagens da realidade que constitui as questões de ocupação desses espaços. Destacamos, por fim, a câmara fotográfica e a filmadora como recursos técnicos de auxílio à entrevista semi-estruturada e ao Diário de Campo (DC), utilizados como instrumentos de coleta de dados.

Aproximação das Análises e Discussões Iniciais¹³

Apresentamos as tribos, sujeitos que contribuíram para o desenvolvimento das observações e do nosso quadro de filmagens, fotografias e entrevistas: os jogadores de futsal (FS), os skatistas (SK) e os patinadores (PA), os ciclistas (BC), os dirigentes do kart (KA), os jogadores de hóquei (HO) e os administradores do SESC (AS). Elas nortearam as primeiras temáticas que contribuíram para as análises das entrevistas, fruto do próprio campo investigativo.

Acessibilidade e Qualidade das Estruturas da Orla: Uma questão Pública ou Privada?

A acessibilidade dos espaços de lazer da Orla de Atalaia e a qualidade das estruturas são os fatores primordiais de atração das tribos à localidade, apesar de alguns empecilhos para vencer a distancia do local de origem dos freqüentadores (pois, alguns freqüentadores são das circunvizinhanças de Aracaju). Percebemos que até mesmo quem é de Aracaju enfrenta dificuldades para usufruir do espaço, porém é ainda mais desgastante para os moradores das localidades circunvizinhas.

Tudo de Aracaju. Fora o Ruan que é da Barra (cidade Barra dos Coqueiros). É o nosso goleiro, [...] ele tem que atravessar. Um mora no Cirurgia (bairro), outro mora perto do Médico (bairro), Luzia (bairros) [...]Vem de moto, carro, carona. Tem gente que vem de ônibus, tem gente que vem de todo tipo (de transporte): bicicleta ...(HO).

Devido a localidade ser mais fácil pra todos, [...] E também a facilidade pra o espaço devido o horário que a gente tá vindo (FS).

Encontramos aqui, nesses depoimentos, pontos importantes para reflexão acerca das contradições no tocante ao espaço público – destinado ao lazer – e a relação econômico/turística que se manifesta, ora por que os agentes públicos não desenvolvem políticas de re-estruturação das quadras esportivas, dos parques e espaços de lazer nos bairros? Por que a Orla foi “recheada” das melhorias estruturais de lazer e tornando-se um cartão postal do Estado?

Obviamente que a dimensão econômica sobressai. As grandes corporações hoteleiras, bem como os bares e restaurantes estão localizados na Orla e, portanto, no mundo da estética da mercadoria (HAUG, 1997) e da sociedade do

¹³ Análise em etapa inicial de desenvolvimento.

espetáculo (DEBORD, 1997) e preferível esconder os problemas nos próprios bairros, ou seja, deixar a “sujeira debaixo do tapete”.

Além disso, deparamos com outra contradição no tocante aos espaços públicos. Algumas instituições como o Serviço Social do Comércio (SESC), a Federação Sergipana de Tênis (FST), o Kartódromo de Sergipe são responsáveis pela manutenção de algumas áreas e em contrapartida arrebatam o seu “pedaço no bolo” estipulando taxas para uso da população.

[...] É uma taxa simbólica pra manutenção [...] e tava, olhe, de 20 ou 25 reais para associados quando era à noite, R\$ 20,00 de dia. Aí para quem não era comerciante cobrava R\$ 40,00 (AS).

O kart hoje 20 minutos você paga 15 a 20 reais, aí você recebe capacete com macacão, luva, você vem, participa [...], qualquer pessoa pode ter acesso, é um kart que tem proteção, não tem perigo nenhum de você bater e se machucar (KA).

Portanto, a acessibilidade não é tão gratuita. Algumas modalidades e espaços esportivos só garantem o acesso das pessoas na contrapartida do “equivalente geral”. Pagando, estabelecendo a relação da mercadoria, as pessoas conseguem adquirir os bens.

Da Vontade de Brincar à Elitização “Fetichizada” do Esporte

O lazer enquanto um aparato mercadológico¹⁴ consegue atrair algumas instituições empresariais em busca do prazer dos poucos usuários, a exemplo dos corredores de kart. No kartódromo, ocorrem campeonatos anuais, amistosos e treinos constantes, contudo, somente a paixão pela prática não proporciona a satisfação de utilizar o espaço.

Hoje tem pessoas que tem poucas condições e tão no kart. O investimento pra tá numa corrida você gasta de 300 a 400 reais por mês, não é muito em relação ao que você se distrai (KA).

Que sentido pode-se atribuir ao termo “condições” neste caso? A que condições está se referindo? Seria de um pai de família que tem que sustentar mulher e filhos, ganhando mensalmente a mesma quantia que alguém que pode investir na utilização do kartódromo para curtir o seu tempo de lazer? Pode-se perceber que é grande a movimentação financeira exigida dos usuários para

¹⁴ Ver Dumazedier, *Sociologia Empírica do Lazer* (1974).

manutenção e conservação da estrutura, tanto no cotidiano e em eventos especiais como campeonatos, que vem atraindo a cobertura jornalística (ano de 2008, etapa final transmitida ao vivo):

[...] A nossa idéia é no próximo ano [...] vendermos as etapas (do campeonato) a gente faria o seguinte, “1ª etapa- Etapa Coca-cola de Kart”, então, a coca-cola viria pagaria um valor, esse valor seria subsidiado para a associação, né? E seria distribuído em forma de recursos para os pilotos [...] Nós fizemos o convite, foi estabelecida uma cota, valores [...] Ela (a empresa televisiva) não veio de graça não (KA).

Percebemos então, no tocante ao Kart, que vai mais além da vontade de brincar com aqueles carrinhos velozes. É preciso disponibilizar uma boa quantia em dinheiro para acessá-los, bem como a ótica que perpassa os “bastidores” é a ótica do capital, da circulação do dinheiro e principalmente, do lucro.

Outro destaque é a aproximação das pessoas mediante o vínculo empregatício. Em uma das situações de visita ao ponto de observação foi descoberta a tribo do futebol, constituída por pessoas que fazem parte de uma mesma empresa. Podemos reportar este recorte ao lazer como criação forçada da sociedade capitalista, na qual ele é entendido como atividade que mascara a manipulação da empresa sobre o horário de trabalho dos seus empregados¹⁵. Não é à toa o incentivo à prática, que é uma “paixão nacional”, por assim dizer.

[...]o ideal seria pra gente o futebol, mas devido a quantidade de gente não é suficiente para o futebol, aí escolhemos (o futsal) [...]. É uma peladinha, bem dizendo, só que é disputa, né? Uma loja contra a outra, entendeu? (FS).

Dois incentivos complementam a vontade dos jogadores, vestimenta e premiação. Porém, segundo relatos o prêmio já não existe, mas eles continuam jogando com o uniforme da empresa.

O uniforme é dado pela empresa. A gente pega e vem jogar aqui, né? Como aqui mesmo tinha nas lojas, cada loja tinha um diferente desse aqui (uniforme), era campo antes, era uma loja disputando com a outra como se tivesse um campeonato. Tinha um presente para o time que ganhasse, [...] Só que parou (FS).

Do Relacionamento entre as Pessoas às Práticas Esportivas não Convencionais

¹⁵ Idem.

Dentre os motivos que impelem os grupos a se agradarem das práticas de lazer que a Orla oferece, encontramos também razões para algumas pessoas se encontrarem e se descobrirem em gostos estilos, demonstrando o aspecto do lazer que exprime criação, expressão e satisfação de um grupo, ou de um membro do grupo, considerando neste aspecto o sentimento de pertença em relação a alguma tribo como demonstração da função de socialização desses grupos apontada por Hack (2005).

[...] quando eles começaram a fazer a pista eu vinha passear na orla e também eu via a galera andando, me interessei pelo skate, achei uma prática legal e pedi um skate a meu pai e minha mãe. Acharam meio estranho [...], mas me deram e to andando até hoje.[...]. A pista sem dúvida é mais fácil pra mim, mais prático, que na verdade foi aqui que comecei a andar de skate, [...] Então, já tem, vamos dizer, um afeto maior [...] Conheci todos a partir do momento que comecei a andar de skate (SK).

Isto demonstra também que existem os grupos, mas não existem iguais. Existe uma grande diversidade que marca o grupo, mas que em pequenos aspectos chama atenção e se torna algo que o identifica. Ao verificar os relatos da skatista destacamos outro aspecto relevante para a formação das tribos, suas peculiaridades. Costa (2006) enfatiza em seus estudos a importância da identidade de uma tribo, das principais características que consolidam sua existência, principalmente quando se trata da indumentária, mas não podemos negar as individualidades. Destacamos as seguintes afirmativas acerca dos skatistas.

Assim, você pode reparar que talvez não, as pessoas que estão assim de fora quando olha podem perceber todo mundo igual, mas quem frequenta [...] percebe que não é bem assim. Cada um tem um estilo de roupa diferente, cada um tem uma maneira de andar [...] algumas pessoas preferem andar com uma calça mais larga, porque tem mais facilidade de movimento, outras pessoas já preferem mais justas [...] (SK).

Eu acredito que toda forma de arte, porque os grafites e até mesmo as pichações não deixam de ser uma forma, e todas essas formas de arte tem um significado diferente para cada pessoa.[...]. Combina um pouco com o skate em si, o jeito despojado, as letras mesmo podem significar alguma coisa pra mim, mas pra você não é a mesma coisa, não pode significar nada [...]. Acho que dá pra você encaixar o skate dentro dessa forma de arte. Desse tipo de arte (SK).

Neste contexto, oferecido pela Orla da Praia de Atalaia, observamos que existem modalidades esportivas até então, despercebidas pela comunidade aracajuana, é o caso do Hóquei. Além da dificuldade de aceitação da modalidade, também os praticantes têm que driblar todas as dificuldades para consolidar esta prática esportiva. Os jogadores de hóquei, do único time do estado de Sergipe,

relatam toda a dificuldade de comprar um equipamento muito dispendioso, no entanto, expressam o ganho de todo o esforço:

Aqui se você for ver só o preço dos patins é um absurdo! É quem pergunta isso (custo para entrar no time), falo logo, olha não é barato não. A gente não compra equipamento todo novo, porque já compra usado mesmo, mas procura saber se tá num estado bom e tal! (HO).

Financeiramente, nada! Mas em questão pessoal...Satisfação! (HO).

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2006.
- COSTA, Antonio Galdino; PIRES, Giovani De Lorenzi. Moda/indumentária em culturas juvenis: símbolos de comunicação e formação de identidades corporais provisórias em jovens de ensino médio. Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, 3, *Anais eletrônicos...* Santa Maria: 20 a 23/Set/2006
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DUMAZEDIER, J. *Sociologia Empírica do Lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- HACK, Cássia; PIRES, Giovani De Lorenzi. Lazer e mídia no cotidiano juvenil. Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 17, *Anais eletrônicos...* Campo Grande, 9 a 12/Nov/2005.
- HAUG, Wolfgang Fritz. *Crítica da Estética da Mercadoria*. São Paulo: UNESP, 1997.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2007.
- PIRES, Giovani De Lorenzi. E *Educação física e o discurso midiático; abordagem crítico-emancipatória*. Ijuí: Uniuí, 2002.
- _____. *Cultura Esportiva e Mídia: abordagem crítico-emancipatória no ensino de graduação em Educação Física*. In: Educação Física e Mídia, novos olhares, outras práticas. Org. BETTI, Mauro. São Paulo: Huicitec, 2003.
- RIBEIRO, S. et al. *MCSL – Lazer, Comunidade e Universidade: registro de uma ocupação pacífica*. Santo André-SP, ENAREL, 2003.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 2006.